

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MIRIAN VIANA LISBOA

**OS PERFIS FEMININOS NO PÓS-GUERRA CIVIL ESPANHOLA E O VAZIO
EXISTENCIAL EM *NADA*, DE CARMEN LAFORET**

**Jaguarão
2020**

MIRIAN VIANA LISBOA

**OS PERFIS FEMININOS NO PÓS-GUERRA CIVIL ESPANHOLA E O VAZIO
EXISTENCIAL EM *NADA*, DE CARMEN LAFORET**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Geice Peres Nunes

**Jaguarão
2020**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo (a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

L769p Lisboa, Mirian Viana

Os perfis femininos no pós-guerra civil espanhola e o vazio existencial em Nada, de Carmen Laforet / Mirian Viana Lisboa.

44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS/ESPAÑOL E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2020.

"Orientação: Geice Peres Nunes".

1. Nada. 2. Carmen Laforet. 3. Representação feminina. 4. Vazio existencial. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

MIRIAN VIANA LISBOA

**OS PERFIS FEMININOS NO PÓS-GUERRA CIVIL ESPANHOLA E O VAZIO EXISTENCIAL EM
NADA, DE CARMEN LAFORET**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 3 de dezembro de 2020.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Geice Peres Nunes
Orientadora
(Unipampa)

Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon
(Unipampa)

https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=438933&infra_sistema=100... 1/2

Profa. Dra. Cátia Rosana Dias Goulart
(Furg)



Documento assinado eletronicamente por **CÁTIA ROSANA DIAS GOULART, Usuário Externo**, em 03/12/2020, às 18:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Assinado eletronicamente por **CARLOS GARCIA RIZZON, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/12/2020, às 15:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **GEICE PERES NUNES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/12/2020, às 20:57, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0413127** e o código CRC **6ADE1341**.

Unipampa – Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450

AGRADECIMENTO

A Deus, em primeiro lugar, por ter me mantido com saúde para chegar ao final do curso;

Aos meus filhos, Sony e Enzo, por compreenderem a minha ausência enquanto eu me dedicava às leituras e escrita deste trabalho;

Ao meu esposo, Luiz Fernando, por ser o meu maior incentivador; por não me deixar desanimar, mesmo nos momentos mais difíceis;

Às colegas de graduação, Camila e Juliana, pelas conversas, trocas de ideias e pelo chimarrão todas as noites;

À minha orientadora, professora Geice, por toda atenção durante os atendimentos, pelo carinho e incentivo. Obrigada por acreditar em mim;

Aos professores, Cátia e Carlos, por terem aceitado o convite de fazer parte da minha banca e por todos os ensinamentos durante o curso;

A todos os professores da UNIPAMPA, que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, vocês foram essenciais na minha formação.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar dois perfis femininos presentes no romance *Nada*, escrito em 1944 por Carmen Laforet. Como pano de fundo, a magnífica obra do século XX revela alguns aspectos do drama vivido pela população espanhola após o término da Guerra Civil, em 1940. As duas personagens femininas, Andrea e Angustias, nos fazem refletir sobre a condição da mulher espanhola daquele período. A protagonista Andrea, uma jovem de dezoito anos, em nossa análise, será a representação de um modelo feminino caracterizado pela emancipação feminina. Andrea será uma personagem que relatará todos os acontecimentos no romance através de suas lembranças, conduzindo o leitor à cidade de Barcelona. Sua principal antagonista será sua tia Angustias, uma mulher conservadora, que carrega consigo o peso de uma época na qual as mulheres eram submissas e se submetiam aos rigores de uma sociedade patriarcal. Analisar esses dois perfis nos levou a muitas reflexões sobre os avanços e retrocessos da mulher dentro da sociedade, seus comportamentos e visões de mundo, da mesma forma, nos oportunizou a pensar e refletir como essas mulheres enfrentaram preconceitos e sofreram, principalmente por conta de governos opressores, como o regime franquista. Para compreensão da voz narrativa da personagem principal, assim como a linguagem no romance, recorreremos às teorias de Alfredo Leme Coelho de Carvalho e Mikhail Bakhtin. Para análise da obra, foi feito um estudo bibliográfico de alguns autores, como: Liz Willis, Guadalupe Gómez-Ferrer, Athena Alchazidu, José García López, Ana Paula de Souza e Izabela Mocek. Tais obras nos conduziram ao entendimento e reflexão dos avanços e retrocessos da mulher no período pós-guerra civil, a literatura desse período, assim como a corrente estética tremendista. Tendo como base alguns conceitos de Gilles Lipovetsky e outros autores, o último aspecto a ser analisado no texto foi a representação do vazio existencial das personagens do romance, em especial, a protagonista Andrea.

Palavras-chave: *Nada*. Carmen Laforet. Representação feminina. Vazio existencial.

RESUMEN

Este trabajo de conclusión tiene como objetivo analizar dos perfiles femeninos presentes en la novela *Nada*, escrita en 1944 por Carmen Laforet. Como escenario, la magnífica obra del siglo XX revela algunos aspectos del drama vivido por la población española después del final de la Guerra Civil, en 1940. Los dos personajes femeninos, Andrea y Angustias, nos hacen reflexionar sobre la condición de la mujer española de aquel período. La protagonista Andrea, una joven de dieciocho años, en nuestro análisis, será la representación de un modelo femenino caracterizado por la emancipación femenina. Andrea será un personaje que relatará todos los acontecimientos en la novela a través de sus recuerdos, conduciendo el lector a la ciudad de Barcelona. Su principal antagonista será su tía Angustias, una mujer conservadora, que lleva consigo el peso de una época en la cual las mujeres eran sumisas y se sometían a los rigores de una sociedad patriarcal. Analizar estos dos perfiles nos llevó a muchas reflexiones sobre los avances y retrocesos de la mujer dentro de la sociedad, sus comportamientos y visiones de mundo, de la misma forma, nos dio oportunidad de pensar y reflexionar como esas mujeres enfrentaron prejuicios y sufrieron, principalmente por cuenta de los gobiernos opresivos, como el régimen franquista. Para la comprensión de la voz narrativa del personaje principal, así como el lenguaje en el romance, recurrimos a las teorías de Alfredo Leme Coelho de Carvalho y Mikhail Bakhtin. Para el análisis de la obra, utilizamos como aporte bibliográfico algunos autores, como Liz Willis, Guadalupe Gómez-Ferrer, Athena Alchazidu, José García López, Ana Paula de Souza e Izabela Mocek. Tales obras nos llevaron al entendimiento y reflexión sobre los avances y retrocesos de la mujer y el período que sucede la guerra civil, la literatura de ese período, así como la corriente estética tremendista. Usando como base algunos conceptos de Gilles Lipovetsky y otros autores, el último aspecto a ser analizado en el texto fue la representación del vacío existencial de los personajes de la novela, en especial, la protagonista Andrea.

Palabras clave: *Nada*. Carmen Laforet. Representación femenina. Vacío existencial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 NADA: UMA OBRA SUGESTIVA	10
1.1 O “ <i>Nada</i> ” que transparece “tudo”	10
1.2 Um prefácio: a Guerra Civil Espanhola.....	12
1.3 A mulher do regime militar	14
1.4 Tremendismo: estética literária do período pós-guerra civil.....	16
2 A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO ROMANCE NADA	19
2.1 O papel da mulher dentro da sociedade espanhola: avanços e retrocessos ...	19
2.2 As personagens Andrea e Angustias: um conflito entre gerações.....	22
3 O VAZIO EXISTENCIAL NO ROMANCE NADA	34
3.1 Andrea, uma personagem submergida em um “nada”	34
3.2 O vazio do entorno.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão do curso de Letras Português, Espanhol e Respectivas Literaturas representa um momento de finalização de uma trajetória de quatro anos e meio de estudos em uma universidade, na qual adquiri conhecimentos e me oportunizou o contato com diversos componentes curriculares que foram de grande valia para minha formação, entre eles, a literatura espanhola, a qual tenho um imenso fascínio e profundo apreço. As aulas de literatura espanhola me encantaram, não somente pelos belos textos de grandes autores, mas, inclusive, por revelar as diferentes representações do feminino em distintas épocas e culturas da sociedade espanhola.

Após a leitura de obras de autores como Miguel de Cervantes, Federico García Lorca, entre outros, eis que me deparo com a obra *Nada*, da literata Carmen Laforet. O fato de se tratar de uma escritora já nos coloca dentro do universo feminino, além disso, a grandeza do romance *Nada* nos leva a observar a representação feminina de diferentes gerações e os espaços que ocupam dentro da sociedade do pós-guerra.

Por essa razão, minha principal motivação ao escolher o tema de meu TCC foi justamente a representação da mulher espanhola no período pós-guerra, observando o contraponto entre duas personagens antagônicas, como a protagonista Andrea e sua tia Angustias. Na obra, um tema forte como a liberdade feminina é explorada nos diálogos entre as duas personagens, deixando ao leitor o papel de decifrar o que representam aquelas duas mulheres e o que seus diálogos, os não ditos de seus discursos, revelam. Dessa forma, o objetivo do meu trabalho de conclusão de curso será, propriamente, analisar dois perfis femininos de diferentes gerações que viveram na Espanha do pós-guerra, mais precisamente, na década de 40, o que exige observar, também, o vazio existencial expresso na trajetória dessas personagens.

A escolha desta temática se deu pelo fato de considerar extremamente valorosa a ideia de que a mulher possa ser cada vez mais protagonista de sua própria história, que ocupe espaço nas estruturas sociais e abandone a postura de figura submissa que ocupou durante anos e infelizmente, em muitos casos, ainda ocupa. Dessa forma, serão analisadas as personagens Andrea e Angústias, levando

em consideração o comportamento da mulher na Espanha do século XX e o Tremendismo, corrente literária espanhola do referido século. Para compor a pesquisa, apresentaremos a seleção de leituras sobre o período da Guerra Civil Espanhola, o regime franquista, o perfil da mulher do século XX e as características das obras desse período, que as tornaram representantes do Tremendismo.

No primeiro capítulo, apresentaremos a obra, faremos uma breve exposição da autora Carmen Laforet, trataremos da corrente literária Tremendismo. Nesse mesmo capítulo, mostraremos o momento histórico em que a obra foi publicada, período pós-guerra civil espanhola e suas inter-relações com a trama.

No segundo capítulo, faremos uma análise da construção e das visões de mundo do comportamento de duas personagens femininas, a protagonista Andrea e sua tia Angustias, que será o ponto principal de meu TCC, levando em consideração os aspectos narratológicos baseados em alguns críticos e teóricos como, Mikhail Bakhtin e Alfredo Leme Coelho de Carvalho. Também será analisado o perfil das mulheres espanholas em um momento conturbado para o país, como a Guerra Civil e o regime franquista.

No terceiro e último capítulo, partindo de uma perspectiva filosófica, trataremos de analisar os sentidos de “nada” dentro da obra e os sintomas de mal-estar e vazio, expressos na trama, que serão revelados através da consciência de Andrea e das demais personagens.

Contudo, para a construção deste trabalho, alguns teóricos e críticos serão essenciais para que se compreenda alguns aspectos. Como suporte para análise do romance, utilizamos as críticas de Ana Paula de Souza e Izabela Mocek. Por se tratar de uma obra com discurso direto e narrador em primeira pessoa, fizemos uso das teorias de Mikhail Bakhtin e de Alfredo Leme Coelho de Carvalho, que nos trazem grandes esclarecimentos sobre a personagem do romance. Para analisarmos a corrente literária predominante no período em que a obra foi construída, recorreremos aos estudos de Athena Alchazidu, entre outros. Autores como José García López, José-Carlos Mainer, Santos Sanz Villanueva e Enrique Moradiellos García, foram fundamentais para uma compreensão da literatura da década de 40 e como foi para a Espanha o período de pós-guerra civil. Por se tratar de uma obra com forte representação feminina, os estudos das autoras Liz Willis e Guadalupe Gómez-Ferrer Morant foram utilizados para uma melhor compreensão da

representação da mulher do período franquista. Para a construção do último capítulo, na perspectiva de analisar os aspectos filosóficos dentro da obra, como a simbologia da palavra “nada” e as sensações de vazio, nos valem das teorias de Gilles Lipovetsky, Nicola Abbagnano e de Rosa Navarro Durán.

1 NADA: UMA OBRA SUGESTIVA

1.1 O “*Nada*” que transparece “tudo”

Damos início a esta investigação apresentando a autora e a obra sobre a qual construiremos nossa leitura. De acordo com José García López (1974, p. 677) Carmen Laforet nasceu em Barcelona, no ano de 1921. Sua estreia na literatura se deu através da obra *Nada*, agraciada com o Prêmio Nadal em 1944 e publicada em 1945. Outras obras produzidas pela autora foram a novela *La isla y los demônios*, em 1950, posteriormente, em 1955, a autora publicou *La mujer nueva*, uma obra marcada por suas experiências religiosas. Em 1963, a autora publicou *La insolación*, primeiro volume da trilogia *Tres pasos fuera del tiempo*, na sequência a autora seguiu escrevendo outros volumes da trilogia, porém não chegou a publicá-los.

Parafraseando García López, o fato de Carmen Laforet ter ganho o prêmio Nadal de Literatura foi um “aldabonazo en la dormida conciencia de la época” (GARCÍA LÓPEZ, 1974, p. 677), porque representou o impacto e o sucesso da publicação pelo motivo de a autora trazer à tona a dura realidade do cotidiano dos espanhóis do período pós-guerra. O romance de Laforet foge do padrão dos romances de décadas anteriores e estampa um modelo novo, com relatos da vida de uma jovem estudante. García López afirma que a autora parecia não ter a intenção de comprovar ou convencer o público de nada, porém, os relatos da protagonista da novela, feitos com sinceridade, fizeram com que a obra provocasse um enorme “choque emotivo” nos leitores.

Nada está dividida em três capítulos, o primeiro aborda a chegada de Andrea a Barcelona e a hospedagem na casa de sua avó. Nesse espaço, no plano psicológico, a protagonista enfrenta um choque de ideias, especialmente com sua tia Angústias, que tem um papel importante no sentido de tentar controlar e conduzir Andrea por meio de sua postura conservadora. No segundo capítulo, já sem a

presença de Angustias na casa, a protagonista vive de modo independente e com maior autonomia para seguir suas vontades. Além disso, evidencia mais indiferença em relação aos acontecimentos, demonstrando uma alienação aos fatos, característica marcante nas personagens da corrente estética tremendista. Na terceira parte, Andrea decide partir para Madri para morar com sua amiga Ena, da mesma forma que com dezoito anos a jovem partiu cheia de sonhos para Barcelona, Andrea se aventura em busca de uma nova vida em Madri, deixando para trás todo sofrimento da rua do Aribau.

O romance em estudo narra, em primeira pessoa, a história de Andrea, uma jovem de apenas dezoito anos, a partir do momento que esta chega a Barcelona para estudar Letras. A estudante, que guarda belas recordações da família residente na rua do Aribau, bem como da cidade, hospeda-se na casa de sua avó, que não vê há alguns anos. Ao chegar na casa, Andrea se decepciona, pois o lugar já não condiz com as lembranças daquele visitado na infância. No seu retorno, uma década depois, Andrea se depara com a casa devastada pela pobreza e miséria.

As personagens da obra, representam grande parte da população espanhola na década de 40. Pessoas que perderam suas favoráveis condições financeiras por conta da grave crise econômica que envolveu a Espanha no período pós-guerra. Como se não bastasse a decadência do lugar, Andrea precisa conviver com esses familiares e, principalmente, com as mulheres da casa, que ela define como “*mujeres fantasmales*” (LAFORET, 2017, p. 74), fazendo referência à aparência sombria, às vestimentas horríveis e escuras, velhas e mal cuidadas. A presença da família desestruturada física, financeira e afetivamente assemelha-se à caracterização do espaço físico e parece responder à decadência causada pela Guerra Civil.

A leitura do livro *Nada* pode provocar no leitor um sentimento de empatia com a narradora protagonista Andrea, que representa uma figura feminina com atitudes libertárias para a época. Na trama, vemos um comportamento rebelde, uma recusa a obedecer a tia, que a chama de “*demonio de rebeldía*” (LAFORET, 2017, p. 145), assim como outras atitudes, como cursar uma universidade, sair à noite pelas ruas de Barcelona, caminhar sem destino pela cidade, comportamentos que não condiziam com a realidade de mulheres de gerações que precederam a de Andrea.

Na sequência, abordaremos alguns aspectos sobre o momento histórico que está apresentado como pano de fundo no romance *Nada*, a Guerra Civil Espanhola.

1.2 Um prefácio: a Guerra Civil Espanhola

Nada parece retratar a realidade da população da Espanha, na qual os personagens representam as pessoas que sofreram os efeitos da Guerra Civil e do pós-guerra. A Guerra Civil se estendeu de 1936 a 1939, tendo o grupo liderado por Francisco Franco como vencedor, que instaurou um regime ditatorial. O período de confronto foi um momento em que, segundo Enrique Moradiellos (2016, p. 277), ocasionou milhares de mortos, sofrimentos, tristezas profundas e diversas privações da sociedade espanhola, assim, entendemos que a decadência explicitada na construção do ambiente e da família de Andrea parecem ilustrar os efeitos dessa circunstância histórica. Por isso, alguns temas, como os problemas sociais, a fome, a miséria, os conflitos familiares e os valores cristãos, são presenças fortes na narrativa, fazendo-nos perceber que se trata de uma denúncia silenciosa dos problemas sociais de um evento marcante na história da Espanha. A trama de *Nada* parece representar relatos de vidas, de pessoas que sobreviveram ao conflito, mas que carregam consigo a carga traumática daquele momento e, além do mais, precisam conviver com a opressão da ditadura militar do governo franquista. Esta é uma perspectiva adotada por vários estudos sobre *Nada*, porém, embora, reconheçamos a sua relevância, nos voltamos para o estudo dos perfis femininos representados nessa obra.

Segundo Ana Paula de Souza (2007) em sua dissertação intitulada *A sociedade metonimizada no espaço do romance Nada de Carmen Laforet*, a Guerra Civil Espanhola e a ditadura de Francisco Franco influenciaram de forma catastrófica a vida das pessoas. Nesse contexto, as mulheres continuaram apagadas dentro da sociedade e passaram a servir apenas de esposas, mães e donas de casa, deixando para trás seus afetos, seus sonhos de emancipação e se tornando apenas submissas, obedientes ao marido, demonstrando sempre, mesmo que de forma não verdadeira, uma felicidade incontestável. Tal observação é percebida no fragmento:

[...] o objetivo mais digno para o qual a mulher devia se dedicar era o matrimônio, instituição social intocável que devia transmitir uma aparência de felicidade constante, ainda que dissimulada. Como mães, estas mulheres

eram conduzidas a reproduzir na relação com os filhos a mesma lógica da contenção econômica, o que se refletia na escassez de afetividade (SOUZA, 2007, p. 9).

Parafrazeando Valentina Terescova Veleza (2010, p. 8), a Guerra Civil Espanhola começou após o golpe militar, em 18 de julho de 1936, contra o governo republicano eleito pelo povo, o conflito durou cerca de três anos e resultou em mais de 400 mil mortos. Conforme Enrique Moradiellos García (2016, p. 16), a Guerra Civil Espanhola foi o resultado de vários conflitos e tensões. Entre eles, o historiador destaca o contraste entre as zonas urbanas modernizadas e a zona rural, onde predominava o atraso econômico e os hábitos de vida tradicionais, do mesmo modo, a tensão entre grupos sociais partidários, como os liberais e os democráticos.

Valentina Terescova Veleza (2010, p. 11) afirma que Franco fazia uso de uma “democracia orgânica”, que, segundo seus apoiadores, era uma verdadeira democracia, em que se viam representados os interesses da nação, e não os interesses egoístas de eleitores individuais. A partir da ideia parafraseada, podemos perceber que os nacionalistas impuseram seus ideais conservadores e até mesmo opressores, assumiram o controle da nação e tentaram fazer com que a população visse o governo republicano como ruim e desastroso. A autora destaca outros aspectos caracterizadores do regime de Franco, pois, como regime, o ditador adotou o “Nacional Catolicismo” e o anticomunismo e, dessa forma, a opressão, a predominância apenas da igreja católica e a perda do direito ao voto feminino passaram a ser vivenciados pela população e impostos pelos apoiadores do governo de Franco. A autora também enfatiza que a imprensa e a produção cinematográfica, por sua vez, perderam espaço e foram atingidas pela repressão da ditadura. A igreja Católica teve forte influência na repressão, na censura e na educação, doutrinando a população com seus valores morais e conservadores.

O crítico literário espanhol José-Carlos Mainer (2014, p. 187) considera que a *nueva España* de Franco repudiou todos os legados liberais e progressistas anteriores, porém, embora a ordem fosse seguir as linhas do franquismo, o regime não dispunha de moral suficientes para realizar um governo coerente. O resultado disso foi uma confusão de interesses políticos e financeiros.

Conforme José-Carlos Mainer (2014, p. 187), a Espanha de 1939 sofreu com a morte, o emudecer de seus valores e a repressão de qualquer divisão de grupos divergentes em opiniões. Dialogando com Mainer, Enrique Moradiellos (2016, p.

280) destaca que dois elementos foram motivo de muita angústia na população espanhola: o terror dos bombardeios sobre as cidades e a terrível sensação de fome e privações da sociedade. Com isso, entendemos que essa sensação de fome está ilustrada dentro do romance, quando Andrea relata a fome que sentiam seus familiares por conta da falta de alimentação na residência, representando, dessa maneira, a população espanhola no momento de grave crise econômica e de precariedade em relação ao trabalho que executam: “pasaban hambre Juan y Gloria y también la abuela y hasta a veces el niño” (LAFORET, 2017, p. 164). Por tanto, a Barcelona representada na trama ficcionaliza uma nação que carregou as marcas da Guerra Civil e, posteriormente, o regime franquista, que teve como consequência, uma população sofrida e, na maioria dos casos, frustrada. Tais sofrimentos e frustrações serão representados de forma intensa e realista pelas personagens na obra de Laforet, conforme seguiremos evidenciando na análise.

1.3 A mulher do regime militar

As leituras realizadas nos revelam como os efeitos da Guerra Civil e da ditadura franquista se estenderam à vida das mulheres. Assim, as mulheres que, no governo republicano, teriam adquirido direito ao voto, ao divórcio e o direito de estudar, com o regime franquista acabaram retrocedendo dentro da sociedade, e o papel feminino passa a ser somente o de esposa, mãe, dona de casa e católica, defensora dos bons costumes. Na leitura de *Nada*, é possível perceber o retrocesso da mulher dentro da sociedade na personagem Margarita, mãe de Ena. A mulher, em sua juventude, teve uma paixão por Román, tio de Andrea, que foi interrompida pelo comportamento mesquinho do namorado e pela opressão do pai, que escolheu um marido: “Con los ojos de mis familiares puestos en mí, me pareció imposible seguir demostrando mi amor por aquel hombre. Fue como un encogimiento moral de hombros. Me casé con el primer pretendiente a gusto de mi padre” (LAFORET, 2017, p. 255). Margarida foi impedida de viver suas escolhas, de traçar seu próprio destino, passando a viver com um homem que não amava, somente para manter a postura de mulher de boa família, de esposa dedicada e voltada para a criação dos filhos.

A mulher, no regime militar, deveria se comportar dessa forma, desconsiderando suas escolhas e vivendo de acordo com o que o regime, a figura paterna e a igreja católica consideravam como caminho honroso para o gênero feminino. Resultado disso eram mulheres insatisfeitas em seus casamentos, assim como expressa a personagem Margarida: “Llorar en soledad era lo único que a mí, en mi adolescencia, me estaba permitido. Todo lo demás lo hacía y lo sentía rodeada de ojos vigilantes” (LAFORET, 2017, p. 252).

Embora a mulher desse período não tenha valor e reconhecimento dentro da sociedade espanhola, é preciso considerar que essa mesma mulher não era a figura frágil como era representada. É importante lembrar que, juntamente com o homem, no período da Segunda Guerra Mundial, a mulher lutou à frente das tropas de combate, esquecendo-se de qualquer fragilidade. O único porém é que após a guerra, dentro da sociedade, ela não teve o devido reconhecimento e nem obteve *status*, conforme apresenta Bruno Kloss Hypólito:

[...] Muitos homens e mulheres comuns que sequer possuíam qualquer treinamento militar pegaram em armas para lutar em nome de seus ideais, deixando-se atingir por rajadas de metralhadoras e tornando-se mártires da guerra. (HYPÓLITO, 2010, p. 67).

A pesquisadora Izabela Mocek (2005, p. 26) destaca que os fatores sociais e históricos influenciaram na forma de viver das pessoas, portanto o sistema opressor do regime franquista coibiu a liberdade dos cidadãos e principalmente das mulheres. Assim, dirigindo nosso olhar para as personagens privilegiadas em nossa análise, com base na visão de Mocek, podemos dizer que a personagem Angustias parece ser um reflexo da mulher que viveu reprimida por um regime autoritário, machista e conservador que silenciou as mulheres espanholas durante anos.

Como uma representação do período opressor do pós-guerra civil, Angustias torna-se a mulher que oprime, que coloca limites na liberdade alheia, reproduzindo com o outro o que já foi feito com ela. Já Andrea não aceita e nem se encaixa nessa opressão, seu comportamento será sempre de uma mulher emancipada, que não se preocupa com os julgamentos, fato que será constantemente uma afronta à Angustias. Tal afirmativa condiz com as palavras da pesquisadora em seu estudo:

Angustias le hace consciente a Andrea de su condición de una niña de buena familia, modosa, cristiana e inocente, que debería cuidar de su conducta y ser como “una fortaleza” en la peligrosa ciudad de Barcelona.

Después resulta, sin embargo, que este afán de velar por la conducta de la adolescente es consecuencia de una doble moralidad y de querer privarla de algo que a ella misma le ha sido negado. (MOKEC, 2005, p. 23).

Com a citação de Izabela Mocek, percebemos que, para a personagem Angustias, um dos comportamentos primordiais de uma mulher era zelar por sua conduta, ou seja, cuidar de sua moral, comportando-se dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade, privando-se de qualquer atitude que pudesse gerar difamação contra sua postura.

Após explicar o perfil da mulher do regime militar, com base em estudos de alguns críticos, partiremos para uma análise da corrente literária predominante na década de 40, o Tremendismo, na qual Carmen Laforet foi uma das autoras mulheres que fez um uso original dessa estética em suas obras.

1.4 Tremendismo: estética literária do período pós-guerra civil

A leitura de *Nada* nos comove pela forma intensa, lírica e, ao mesmo tempo, realista que a protagonista descreve os momentos vividos em Barcelona, na casa de seus familiares. O realismo com que Andrea narra os fatos parece encaixar-se com os efeitos da estética Tremendista, tendência literária surgida nos anos 40 que perdurou até os anos 50 e que, na tentativa de narrar os dramas vividos no cotidiano, de forma muito sincera, resultou em uma escrita individual, como bem salienta José García López:

El impulso inicial de los hombres - y de las mujeres - de esta generación, que acaba de sufrir la experiencia terrible de la guerra, es el de abordar la cruda realidad sin subterfugios esteticistas ni convencionalismos sedantes. Pero el deseo de sinceridad a toda costa malogra el intento realista, confiriendo a la producción un tono subjetivo y "romántico". (GARCÍA LÓPEZ, 1972, p. 667).

Refletindo sobre a citação de García López, compreendemos que há uma dose subjetiva que caracteriza o texto de Laforet, pois todas as informações procedem da vivência e da forma de Andrea analisar o seu entorno, ainda assim, tudo o que é revelado ao leitor não se distancia de um efeito realista.

Para Santos Sanz Villanueva (1984, p. 27), os romances de Miguel Delibes, Antonio Buero Vallejo e Camilo José Cela comoveram o público com o retrato que apresentaram do momento histórico. Sendo assim, podemos considerar que retratar

a realidade da população espanhola foi uma das características das obras do Tremendismo. Nesse sentido, foi a partir de 1940 que essa literatura passou a ser publicada, em período simultâneo à ditadura, o que ocasionou a tentativa de inibir de forma direta o conteúdo desses livros pela censura do governo franquista, com a intenção de barrar qualquer manifestação contra o governo. Os escritores espanhóis que tiveram suas obras publicadas após os anos 40, ou seja, os autores tremendistas, precisaram ter cautela na escrita para que pudessem ser publicados. Ainda segundo o pesquisador, a censura fazia uma avaliação forte nas produções literárias da época, com a finalidade de barrar qualquer indício de denúncia social. Sobre a censura na literatura, Sanz Villanueva (1984, p. 29), considera que: "Inflexible fue durante los años cuarenta con todo vestigio de liberalismo político". Portanto, podemos considerar que foi um momento bem difícil na literatura e conseguimos entender o motivo da escrita de forma realista e ao mesmo tempo muito cuidadosa de denúncia, aspecto perceptível em *Nada*. Sobre os romances desenvolvidos no pós-guerra, Francisco Gutierrez Carbajo afirma que "a pesar de los problemas de censura, la novela no puede dejar de expresar la situación de miseria, orfandad y frustración en los que vive la sociedad de estos años" (2006, p. 256).

Ao considerar as estéticas literárias do período pós-guerra, Sanz Villanueva (1984, p. 10) afirma que eram "tendencias que, curiosamente, reivindicaban la libertad". O autor relata ainda que se tratavam de "corrientes vanguardistas" (1984, p. 10). Além do mais, podemos dizer que o Tremendismo foi uma corrente vanguardista, pois suas obras se colocaram à frente de um período ditatorial, trazendo a denúncia dos traumas vividos pela população em momentos de guerra e forte repressão militar.

Athena Alchazidu (2005, p. 25), afirma que o Tremendismo é marcado por uma mudança de rumo e a volta da novela espanhola. Esse movimento literário apresenta em suas narrativas o sentimento de frustração e fracasso dos espanhóis devido à tragédia da Guerra Civil. Os autores dessa época expressavam os problemas graves, relacionados com a condição humana. Segundo Alchazidu, o Tremendismo se fez presente na poesia, no teatro e nas narrativas de autores mais jovens, como Carmen Laforet, que fizeram uso de uma escrita realista, e na maioria dos casos, expressaram, de forma muita espontânea, os valores estéticos de uma

produção literária do período pós-guerra, retratando de forma natural e ao mesmo tempo surpreendente, todo o peso de uma época.

Pelas características destacadas, *Nada* é uma obra que se encaixa na estética tremendista, portanto, podemos visualizar aspectos dessa corrente literária retratados no romance, como, por exemplo, as desavenças entre as personagens, que agem com atitudes repulsivas, descontroladas e violentas. Alguns personagens que cumprirão esse papel serão os tios de Andrea, Román e Juan, com comportamentos agressivos e revoltados, representarão o cotidiano das pessoas da “nova Espanha”. Tais comportamentos podemos perceber em uma passagem de *Nada*, quando Andrea relata uma discussão envolvendo os tios: - “¡Pégame, hombre, si te atreves! – dijo Román” - ¡Me gustaría que te atrevieras!. Juan responde: -¿”Pegarte? ¡Matarte! Te debería haber matado hace mucho tiempo...” (LAFORET, 2017, p. 85). Discussões como essa citada eram uma constante no cotidiano da família, sempre causadas por motivos banais, o que evidencia que as pessoas daquele lugar estavam mergulhadas em profunda exaustão e fragilizadas emocionalmente, representando a população espanhola daquele período.

Elucidadas as questões históricas, sociais e literárias que condicionam *Nada*, na sequência, como um dos focos do trabalho, partiremos para uma análise de duas personagens femininas dentro do romance, Andrea e Angustias, considerando todos os aspectos anteriormente debatidos. Serão analisados esses perfis femininos, como se constroem dentro da obra, o que representam dentro da sociedade, assim como seus ideais, comportamentos e atitudes, e, por fim, como acontece o contraste entre mulheres de duas gerações.

2 A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO ROMANCE *NADA*

2.1 O papel da mulher dentro da sociedade espanhola: avanços e retrocessos

Para realizar uma análise do comportamento feminino dentro do romance *Nada*, precisamos entender, de forma mais aprofundada, o papel da mulher dentro da sociedade espanhola desde o século XIX. Na leitura de Irene Palacio Lis (1992), percebemos que são vários avanços e retrocessos que nos mostram o difícil caminho percorrido pelas mulheres na busca pelos direitos e igualdade. O que se percebe é que, quando falamos de *status* da mulher dentro da sociedade espanhola do século XIX, precisamos ressaltar que a mulher deste século era totalmente ignorada quando tentava assumir algum papel de destaque dentro da sociedade, tanto no trabalho, como na política, expressando seus pontos de vista e descumprindo as normas impostas, além do mais, a mulher que tentava ir contra o sistema da época, acabava sendo ridicularizada e suas atitudes eram vistas como um escândalo. Podemos perceber essa observação nas palavras de Palacio Lis que, ao refletir sobre o *status* da mulher e sua importância como cidadã, afirma que a presença feminina “no inspiraba en la sociedad, grandes intereses, y en las contadas excepciones en que afloraba, provocaba el escándalo, la hostilidad, el rechazo o la ironía” (1992, p. 15).

Com a leitura de *História das Mulheres na Espanha*, séculos XIX e XX, de Guadalupe Gómez-Ferrer Morant, entendemos que, para tratar da condição da mulher, precisamos partir da Espanha do século XIX e podemos considerar a proclamação da Constituição de 1812 como um ponto de partida para a análise. Segundo Gómez-Ferrer Morant (2011, p. 16), com a aprovação da constituição, a intenção era instaurar o Estado Liberal na Espanha, com isso, o que se poderia esperar é que, por se tratar de um estado liberal, os direitos das mulheres seriam igualados aos do homem, porém o que se observou foi uma desigualdade entre os sexos e uma constante discriminação. Destacamos a passagem em que Gómez-Ferrer Morant aponta esse aspecto:

Pero conviene tener presente que el discurso liberal de género conllevó una diferencia fundamental entre los sexos; por una parte, proclamó la igualdad entre la ley y manifestó el rechazo de los privilegios que se derivaban del nacimiento; pero al mismo tiempo, quedó establecida, también en función del nacimiento, una clara discriminación [...] (GÓMEZ-FERRER MORANT,

2011, p. 12).

Sintetizando as ideias desenvolvidas por Irene Palácio Liz (1992, p. 15) acerca da relação da mulher com o trabalho, a partir do final do século XIX, com o crescimento da economia espanhola e com a Revolução Industrial, era preciso que surgissem novas mãos de obra, com isso, a mulher começou a dar alguns passos importantes rumo à inserção no ambiente de trabalho. Contudo, a mulher que passou a fazer parte do mercado trabalhista não ocupou os mesmos lugares que o homem, não recebeu salários na mesma proporção, portanto, não teve o mesmo reconhecimento e ocupou apenas os cargos inferiores. Podemos considerar que, ao final do século XIX, a mulher espanhola, mesmo que de forma desvantajosa, começou a assumir postos de trabalho e, principalmente no governo republicano, passou a ter um melhor reconhecimento dentro da sociedade. Entretanto, o retrocesso aconteceu com o fim da Guerra Civil, em 1939, quando aconteceu a vitória dos nacionalistas, que instauraram o governo franquista, formando um regime militar, autoritário e opressor, que teve como um de seus objetivos valorizar o lugar da mulher conservadora na sociedade.

Ao analisarmos o papel da mulher dentro da história, percebemos o diálogo entre as críticas literárias mencionadas, Palácios Liz e Gómez-Ferrer Morant. Gómez-Ferrer (2011, p. 11) considera que, sobre o passado feminino, até os anos setenta do século XX, as mulheres estavam ausentes dos relatos históricos. Somente nas últimas décadas do referido século, as mulheres teriam começado a ocupar lugares importantes dentro da sociedade, como, por exemplo, como docentes de Universidades, e que essa presença nas instituições contribuiu para a busca do entendimento dos motivos que levaram as mulheres a ficarem esquecidas em relatos, documentos e não terem sido reconhecidas dentro da história. Ao buscar esse passado feminino, Gómez-Ferrer Morant afirma que: “La historia de las mujeres no era una historia inmóvil y corta, sino compleja y sugerente que las hacía visibles como constructoras de lo político, de lo social, de lo económico y de lo cultural” (GÓMEZ-FERRER MORANT, 2011, p. 11). Com tal afirmação, podemos perceber que o passado feminino teve uma grande importância na construção da sociedade, porém, esse passado foi ignorado e os direitos da mulher lhe foram retirados.

Com todas as observações acerca do passado da mulher desde o século XIX, o que se percebe são os altos e baixos da figura feminina dentro da sociedade,

como viemos afirmando, os avanços e retrocessos. A luta por um posto de trabalho, pelo direito de estudar, pelo reconhecimento e valorização, aliados à reivindicação de seus direitos e à igualdade entre ambos os sexos, é algo que perdura até os dias atuais.

Portanto, com a leitura do romance *Nada*, percebemos, por um lado, a protagonista Andrea com um comportamento de uma jovem que usufrui das conquistas da geração de mulheres que precedeu o franquismo; por outro lado, a personagem Angustias, cuja postura revela um conservadorismo. Com isso, consideramos que se tratam de duas personagens representativas de diferentes gerações e que a relação entre a tia e a sobrinha evidencia um choque de duas visões de mundo diferentes, um choque de gerações, aspecto que desenvolveremos nas seções que seguem. Em outras obras do século XX, encontramos personagens femininas com comportamentos inovadores para uma determinada época, que é o caso de Gertrudis em *La Tia Tula* (1921). Como uma amostra de emancipação feminina, a personagem criada por Miguel de Unamuno manteve comportamentos diferentes das mulheres contextualizadas no período de publicação da obra. Em um momento em que a mulher teria a maternidade e o casamento como etapas a serem vivenciadas, a protagonista tem grande desejo de ser mãe, mas não de se casar. Gertrudis não confia nos homens e dispensa o casamento, pois não aceita o fato de que somente o homem deve escolher a mulher, pois entende que a figura feminina é totalmente passiva no relacionamento: "Pero yo no puedo buscarlos. No soy hombre, y la mujer tiene que esperar y ser elegida. Yo, la verdad, me gusta elegir, pero no ser elegida" (UNAMUNO, 2012, p. 72). Do mesmo modo, Andrea assume um comportamento libertário, pois já se vale dos direitos conquistados por mulheres de gerações anteriores a sua.

O fato de que assuntos relacionados à imagem da mulher dentro da sociedade seja um tema atual e que seus dilemas por conquista de espaço e de *status* dentro de comunidades são questões abordadas incessantemente dentro da literatura, nos mais variados textos e nos diferentes períodos históricos, conseqüentemente, nos conduzem a observar e analisar as duas personagens, Andrea e Angustias. Na obra identificamos essas duas mulheres como representativas de comportamentos femininos de diferentes gerações, sendo a protagonista Andrea caracterizada por um perfil de mulher moderna, evoluída, que

deseja a liberdade, as conquistas e os avanços femininos próprios de sua geração. De outro modo, Angustias representará uma geração precedente a de Andrea, retratando o retrocesso feminino, a submissão e a anulação da mulher dentro de uma sociedade que viveu um momento de avanço, mas que retrocedeu rapidamente com o novo governo franquista.

Esclarecidas as questões sobre os avanços e retrocessos da mulher dentro da sociedade espanhola, dando sequência ao nosso trabalho, partiremos para a investigação dos perfis femininos das duas personagens, Andrea e Angustias.

2.2 As personagens Andrea e Angustias: um conflito entre gerações

Na leitura de *Nada*, todas as informações que chegam ao leitor são através do olhar de Andrea, que, dentro dessa obra, se porta como a narradora protagonista, portanto essas informações vêm carregadas pelo ponto de vista dessa personagem, pela sua forma de ver o mundo, com "a marca que deixa o narrador no material de sua narrativa", conforme aponta Alfredo Leme Coelho de Carvalho (2012, p. 3). O pesquisador, refletindo sobre a teorização de Friedman acerca de tipos de narradores, afirma que "o narrador protagonista é uma personagem que, por definição, é atuante, não podendo ser, ao mesmo tempo, espectador, crítico ou colecionador de opiniões alheias" (CARVALHO, 2012, p. 12). Ainda na leitura de Carvalho, podemos entender que "em relação ao grau de participação do narrador protagonista pode haver o emprego de um tom objetivo, interpretativo ou impressionista". Por isso, no caso da "narrativa em primeira pessoa, interpretativa, o narrador comenta os fatos, ou os deforma, imprimindo-lhes conscientemente um colorido subjetivo" (2012, p. 53). O conjunto dessas definições expressam os traços que vemos representados na construção de Andrea como narradora.

É perceptível na trama o predomínio de um discurso indireto, o que parece revelar o olhar de Andrea como o ponto de vista predominante e revelador acerca de todos de seu entorno. O olhar de Andrea será marcado pela desesperança, característica predominante em personagens de obras tremendistas. Para Athena Alchazidu (2017, p. 166), são personagens que, "se sienten abandonados, desesperados, desorientados y perdidos" e o modo de ver o mundo a sua volta "refleja una sobrecarga excesiva de un profundo pesimismo". Há, ainda, a falta de

diálogo com as demais personagens, pois tudo se passa como uma memória de um passado que é acionada de forma linear, iniciando na chegada de Andrea à Barcelona e encerrando-se, um ano depois, no momento de sua partida. A narradora protagonista fala de um tempo passado, portanto, a narrativa se constrói a partir de suas lembranças. O tempo percorrido estará compreendido entre o intervalo de dois inícios de outono.

Logo no começo da obra, podemos perceber que a protagonista Andrea é uma jovem cheia de expectativas, que, ao chegar a Barcelona, vê na cidade grande muitas possibilidades, entre elas, a que mais almeja: a liberdade: “a mí se me antojaba como palanca de mi vida” (LAFORET, 2017, p. 79). Porém, todas as expectativas se transformam em decepção, pois dentro de seu âmbito familiar, além dos conflitos e da penúria, Andrea encontra o principal obstáculo na conquista de sua libertação: sua tia Angustias. A jovem, deslumbrada com a cidade grande, logo que chega à casa de seus familiares, espanta-se ao revê-los, uma vez que não esperava encontrar um lugar com pessoas tão decadentes: “Aquello era lastimoso” (LAFORET, 2017, p. 73). A partir desse momento, começam a surgir as decepções e fatos que revelam à Andrea que a vida em Barcelona não condiz com o esperado pela jovem.

Sendo muito observadora, Andrea relata situações simples com sutileza e poeticidade. São relatos de um cotidiano, contados de forma profunda, que, por conta do lirismo da narrativa, instiga o imaginário do leitor. Andrea fala de si, ou, como nos revela Rosa Navarro Durán (2017, p. 31), “Su extremada sensibilidad se manifiesta en el análisis que hace de sus propias sensaciones”, por isso, conta suas vivências e todos os fatos e comportamentos das outras personagens, revelando-os a partir do seu ponto de vista. O discurso expresso tanto na voz da narradora quanto na voz dos demais personagens, através de suas enunciações, acentua as características emotivas e geracionais de cada um, mostrando-nos seus valores e seus costumes. Para acrescentar às reflexões de Navarro Durán, nos valemos da teoria de Mikhail Bakhtin (2015, p. 125), que considera que “a linguagem peculiar do romance é sempre um ponto de vista peculiar sobre o mundo, que aspira a uma significação social”. Em *Nada*, podemos afirmar que o discurso direto dos personagens secundários confirmam as visões de Andrea sobre eles; da mesma forma, possibilita ao leitor uma reflexão sobre o comportamento e sobre as visões de

mundo dessas personagens. Somando-se a isso, o olhar de Andrea nos revela o mundo a sua volta, como nos explica Rosa Navarro Durán:

La realidad nos llega interpretada, transformada por su punto de vista. Casi no sabemos, en efecto, cómo es físicamente, pero sabemos muy bien cómo ve, cómo cuenta. Muchas cosas escapan a su total conocimiento. El lector sabrá de ellas lo que Andrea, y en el relato se abren interrogantes que nunca se resuelven del todo. (NAVARRO DURÁN, 2017, p. 32).

A falta de uma caracterização mais precisa de Andrea parece-nos outro ponto relevante na obra, pois será parte da configuração dessa personagem do pós-guerra civil que “radica en una ausencia de prosopografía de la 'chica rara', ya que prácticamente faltan descripciones de su aspecto físico, de su vestimenta” (ALCHAZIDU, 2017, p. 178). Sabemos apenas que Andrea é uma jovem de dezoito anos de idade e que, revelado através do discurso de outras personagens, possui algumas características físicas de sua mãe, como podemos ver no diálogo entre a avó da jovem e Jerónimo Sanz: “se parece a su madre en los ojos y en lo alta y delgada que es” (LAFORET, 2017, p. 128). No mesmo diálogo, percebemos que Andrea tem olhos claros: “si tuviera los ojos negros sería como mi hijo Román” (LAFORET, 2017, p. 128). Apesar da falta de características físicas da personagem - a ausência de prosopografia, como definiu Alchazidu -, começamos a conhecer Andrea pelo seu perfil psicológico, aspecto melhor delineado pela estética tremendista, com os atributos de sua personalidade, ~~no qual~~ um deles será seu caráter libertário.

Andrea representa uma personagem feminina de uma geração na qual as mulheres desfrutam de alguns avanços dentro da sociedade, porém convivem com o retrocesso de seus direitos, consequência de um sistema patriarcal que tem como um dos objetivos resgatar o papel de mulher submissa e enquadrá-la dentro dos padrões franquistas. A personagem anseia por ser livre, por desfrutar da vida sem precisar ser controlada por ninguém, sem receber ordens e cumprir regras. Outros aspectos, como seu gosto pela vida, pelas artes e sua capacidade de apreciar os momentos de liberdade, fazem de Andrea uma personagem distinta, ou seja, uma “chica rara”, como nos revela Athena Alchazidu (2017, p.174), que salienta que Andrea “se introduce un nuevo tipo de heroína en la escena literaria española de la posguerra inmediata”. Um obstáculo para Andrea exercer sua liberdade toma forma

na figura da tia Angustias, familiar com quem tem as principais divergências de postura diante das situações do cotidiano:

Me di cuenta de que podía soportarlo todo: el frío que calaba mis ropas gastadas, la tristeza de mi absoluta miseria, el sordo horror de aquella casa sucia. Todo menos su autoridad sobre mí. Era aquello lo que me había ahogado al llegar a Barcelona, lo que me había hecho caer en la abulia, lo que mataba mis iniciativas; aquella mirada de Angustias. Aquella mano que me apretaba los movimientos y la curiosidad de la vida nueva. (LAFORET, 2017, p. 143).

O fragmento citado representa a discordância entre as personagens e essa será a forma das duas mulheres se imporem diante de determinadas situações, fato que nos revelará o contraste entre as gerações. Andrea, com sua juventude, faz uso de sua liberdade para lidar com os costumes da época, descumprindo as regras e tornando-se resistente à conduta social. Para Athena Alchazidu (2017, p. 162), essa forma de resistência “impulsa a rechazar los patrones tradicionales y los roles impuestos”. Já Angustias, demonstra uma postura conformista ao conduzir sua vida de acordo com o que lhe foi estabelecido como regra, não transparecendo qualquer atitude de resistência.

Ao analisar o comportamento de Andrea e Angustias, podemos perceber o quanto o pertencimento a gerações diferentes influencia na visão de mundo das personagens. Angustias, por ser de uma geração que passou pelos conflitos que antecederam a Guerra Civil Espanhola e também por esse fato histórico marcante, segue os costumes impostos pela igreja católica e pelo regime franquista, acaba mantendo a condição que lhe foi ensinada. A mulher abre mão de suas escolhas e se submete a viver de acordo com um sistema que desconsidera a figura feminina, com isso se anula dentro da sociedade. Sem coragem de ir contra um sistema conservador, Angustias se torna uma personagem frustrada, amarga, que se sacrifica a ponto de ir para o convento, pois acredita que, só assim, manterá sua integridade moral.

Em um período em que a mulher ainda não tem coragem de enfrentar o regime opressor, Angustias se torna mais uma vítima do sistema patriarcal, vítima de uma geração de mulheres que sofreu com o preconceito, com a desvalorização e com a submissão. A tia, diferente da sobrinha, não é forte o suficiente para ir contra os valores em cima dos quais foi criada.

Portanto, podemos considerar que Andrea e Angustias assumem diferentes condutas diante da opressão a que são submetidas. Andrea é a representação da mulher emancipada, sendo assim, age conforme suas vontades, não se conforma com regimes opressores, não obedece as imposições que recebe, não tem medo de ir contra um sistema que carrega as marcas de uma Guerra Civil. Tal observação, se confirma nas palavras de Athena Alchazidu, que reflete sobre o pensamento de Carmen Martín Gaité:

[...] Andrea, la primera “chica rara” de la literatura española, surge como producto de una época marcada por una realidad deprimente, en una sociedad conservadora, puritana y al mismo tiempo hipócrita. Su comportamiento, su forma de pensar, pero ante todo sus ambiciones y aspiraciones difieren considerablemente de lo que se esperaba de las jóvenes [...] (MARTIN GAITE apud ALCHAZIDU, 2017, p. 175).

Andrea é a própria liberdade, é o novo padrão de mulher que surge insubmissa à visão machista e patriarcal. Angustias, como seu próprio nome nos revela, é a mulher angustiada, que representa o regime franquista, que é incapaz de ir contra o sistema que a oprime e, com isso, é obrigada a renunciar a suas vontades, suas escolhas, abre mão do casamento e se submete à clausura de um convento, como se fosse a única alternativa para uma mulher da década de 40. Angustias adota atitudes conservadoras e passa a ser mais uma mulher sem voz dentro da sociedade, passa a seguir um estilo de vida considerado decente e adequado para as mulheres daquele momento, por isso, parece a representação da mulher do período franquista. Nota-se que as duas personagens passam pela opressão e restrição de seus direitos e ideais, a diferença é a forma como cada uma reage à condição que lhe submetem, uma se rebela e renega o autoritarismo, a outra se anula e se encaixa no sistema, portanto, as duas personagens representam o avanço e o retrocesso da mulher em diferentes gerações.

Tais diferenças entre as gerações de Andrea e Angustias serão notáveis no decorrer da obra, como no momento em que a tia tenta provar para Andrea que sua conduta é impecável, que os discursos contra ela não passam de calúnias. Ao contrário de Andrea, que vive suas experiências sem se preocupar com a opinião alheia, sua tia, precisa e busca manter a imagem e as aparências de uma mulher honesta e de “boa família”: “[...] tengo que explicarte algo... Tengo interés de que sepas que tu tía es incapaz de hacer nada malo o indecoroso.” (LAFORET, 2017, p.

124). Nesse trecho, Angustias fala das acusações que está sofrendo de seu irmão Juan, que lhe acusa de ter um relacionamento com um homem casado.

Embora sejam de gerações diferentes, que seus comportamentos e opiniões sejam divergentes, podemos considerar que Andrea e Angustias se assemelham em alguns aspectos, como, por exemplo, a tentativa de manter uma aparência que não é verdadeira. Angustias se esconde por trás de um disfarce, tentando convencer a todos de sua idoneidade, sendo que, como falamos anteriormente, sua postura é apenas uma fachada para manter as aparências, mas podemos dizer que Andrea também se comporta dessa forma, um exemplo disso é quando usa o dinheiro de sua pequena mesada para presentear com flores caras a mãe da amiga Ena, tentando passar a imagem de uma jovem refinada e com boas condições financeiras: "Eran magníficas flores, caras en aquella época" (LAFORET, 2017, p. 158). Outro aspecto que faz com que percebamos uma semelhança no comportamento das duas personagens femininas está nas "inocentes manías de grandezas" (LAFORET, 2017, p. 143) que Angustias demonstra. Tal comportamento de grandeza percebemos em Andrea, que se deixa levar por sua vontade de ser superior, de igualar-se às pessoas financeiramente privilegiadas e abre mão da prioridade de pagar sua alimentação diária na casa para dar-se ao luxo de fazer algumas compras desnecessárias, como perfumes e roupas, na tentativa de apresentar-se bem aos familiares de sua amiga: "me lancé a la calle y adquirí enseguida aquellas fruslerías que tanto deseaba..., jabón bueno, perfume y también una blusa nueva para presentarme en casa de Ena" (LAFORET, 2017, p. 158). Em outros momentos da obra, podemos perceber que a jovem, para esconder a vergonha e a frustração que sua condição financeira lhe causa, presenteia sua amiga Ena com um lenço de renda, presente de sua avó, em uma tentativa de retribuir o afeto que recebe da amiga: "Poder hacer a Ena un regalo tan delicadamente bello me compensaba de toda la mezquindad de mi vida" (LAFORET, 2017, p. 120), o gesto de carinho à amiga parece preencher o vazio de sua existência.

Em ambas as personagens, podemos perceber na tendência em ocultar quem realmente são. Enquanto Angustias tenta esconder sua vida dupla de mulher solteira em relacionamento com homem casado, Andrea esconde de sua amiga Ena suas verdadeiras condições financeiras por vergonha de viver na miséria. Vemos esse

comportamento em uma fala de Ena, dessa vez, reproduzida em discurso direto: “Te horrorizas sólo de pensar que yo estoy allí” (LAFORET, 2017, p. 196), fazendo referência a quando frequenta a casa de Andrea e afirmando que sabe da miséria que vive sua amiga.

No paralelo entre Angustias e Andrea, outra semelhança encontrada entre as duas personagens seria o olhar de julgamento sobre as pessoas. Angustias julga a todos a sua volta, sempre criticando a postura inadequada de Andrea, sempre apontando os comportamentos da sobrinha como impróprios para uma mulher, não enxergando o ser humano em sua forma profunda, desconsiderando os sentimentos e as vontades de outras pessoas, pensando apenas no que acredita ser coerente, reproduzindo com os outros o que lhe foi cobrado. Outra personagem que sofre com os julgamentos de Angustias é a cunhada: “Gloria tiene más disculpas que tú en sus ansias de emancipación y desorden” (LAFORET, 2017, p. 146). Nas palavras de Angustias podemos perceber o quanto lhe incomoda a vontade de emancipação das outras mulheres, assim, compreende o desejo de independência como uma atitude inconveniente. Portanto, Angustias tem plena certeza de que sua postura é correta e, com isso, torna-se um exemplo de personagens que, para Athena Alchazidu, em sua obra *Tremendismo: el sabor amargo de la vida. Tras las huellas de la estética tremendista en la narrativa española del siglo XX* (2016, p. 165) por serem “impulsados por su egocentrismo, defienden su propio espacio a toda costa”.

Se, para Andrea, Angustias representa a opressão e a barreira que lhe impede de desfrutar de liberdade, para Angustias, a jovem é a sua última decepção, nos revelando que já passou por outras: “Tú has sido mi última ilusión y mi último desengaño, hija” (LAFORET, 2017, p. 145). Para a tia, o fato de Andrea não obedecê-la, é uma amostra de sua ingratidão, e tal desobediência pode representar a postura de Andrea diante da vida, conforme a passagem abaixo expressa:

— Me oyes como quien oye llover, ya lo veo... ¡Infeliz! ¡Ya te golpeará la vida, ya te triturará, ya te aplastará! Entonces me recordarás... ¡Oh! ¡Hubiera querido matarte cuando pequeña antes de dejarte crecer así! Y no me mires con ese asombro. Ya sé que hasta ahora no has hecho nada malo. Pero lo harás en cuanto yo me vaya... ¡Lo harás! ¡Lo harás! Tú no dominarás tu cuerpo y tu alma. Tú no, tú no... Tú no podrás dominarlos (LAFORET, 2017, p. 146).

A superioridade de Angustias revela a posição hierárquica que impõe em relação à sobrinha e pode ser notada em algumas de suas palavras, como:

“Entonces me recordarás”, referindo-se a Andrea, que deverá lembrar de seus conselhos quando a vida lhe for injusta. Outra amostra de sua superioridade é quando Angustias julga que Andrea, diferente dela, será incapaz de dominar seu corpo e sua alma, usando a expressão: “Tú no, tú no”. Como observa Navarro Durán (2017, p. 38), a postura prepotente de Angustias “no haría más que revelarnos lo que en su superficie aparece: su intransigencia, su identificación con un discurso católico que entroniza el pecado en el mundo urbano”.

Quando observada em contraponto com a tia, Andrea parece uma jovem que luta pela liberdade, entretanto, quando vemos a narradora protagonista em outros espaços de circulação, seu caráter ganha outras características: passiva e observadora. A partir dessa perspectiva, parece que Andrea é condicionada a viver em dois mundos diferentes, na miséria, junto de sua família, e de conforto e luxo, com os amigos de Universidade, sendo que nas duas convivências o único papel que lhe é atribuído é o de espectadora dos acontecimentos e da vida dos que a cercam: “Unos seres nacen para vivir, otros para trabajar, otros para mirar la vida. Yo tenía un pequeño y ruin papel de espectadora” (LAFORET, 2017, p. 246). A protagonista assiste a tudo que acontece na casa onde vive, o comportamento de seus familiares, as brigas, as relações conflituosas, da mesma forma, a sua relação com os amigos é baseada apenas em contemplação: “Imposible salirme de él. Imposible libertarme” (LAFORET, 2017, p. 246). Assim, é como se Andrea percebesse que a única forma de resistir a tudo fosse não reagir a nada: “Me parecía que de nada vale correr si siempre ha de irse por el mismo camino, cerrado, de nuestra personalidad” (LAFORET, 2017, p. 246).

A precariedade da vida de Andrea lhe causa repulsa e frustração. Seu cotidiano é marcado pela extrema miséria, fato que lhe causa vergonha e constrangimento diante dos demais, até mesmo de seus familiares que compartilham de vida semelhante. Em algumas passagens, a jovem descreve os momentos de pobreza e penúria:

Aquella tristeza de recoser los guantes, de lavar mis blusas en el agua turbia y helada del lavadero de la galería con el mismo trozo de jabón que Antonia empleaba para fregar sus cacerolas y que por las mañanas raspaba mi cuerpo bajo la ducha fría. (LAFORET, 2017, p. 119-120).

São momentos como esse, acima citados, que nos revelam o martírio que é a vida de Andrea na casa da rua do Aribau, sem condições de suprir suas

necessidades básicas, a jovem submete-se à humilhação de lavar-se com o mesmo sabão que Antonia, a empregada, usa para lavar as panelas. Outro aspecto deplorável na vida de Andrea é o fato da jovem ter que conviver com a fome, com a escassez de alimentos na casa, a jovem passa longos períodos em jejum: “Yo tenía hambre, pero no había nada comestible” (LAFORET, 2017, p. 81).

Quando a narradora protagonista recorda e nos narra seu passado, o ambiente em que viveu é descrito como um lugar decadente, que evidencia sua insatisfação com tal condição, revelando uma memória repulsiva: “¡Cuántos días inútiles! Días llenos de historias, demasiadas historias turbias”. “Su olor, que era el podrido olor de mi casa, me causaba cierta náusea...” (LAFORET, 2017, p. 97). A “náusea”, numa primeira leitura, significa a repulsa que Andrea sentia por ter que conviver com o desasseio do lugar, pois essa sensação parecia uma constante nos dias vividos em Barcelona. Contudo, metaforicamente, a náusea representa a repulsa aos espaços e às relações vivenciadas na casa.

Um comportamento diferente das mulheres da década de 40 será assumido por Andrea, juntamente com sua amiga Ena, que defenderão a independência feminina. No trecho: “y pagaba mi consumición, ya que habíamos hecho un pacto para prohibir que los muchachos, demasiado jóvenes todos, y en su mayoría faltos de recursos, invitaran a las chicas” (LAFORET, 2017, p. 119), temos uma amostra de um comportamento independente representado pela personagem Andrea. Na sociedade dessa época, era atribuído ao homem o dever de arcar com as despesas das mulheres, colocando-as em uma situação de dependência financeira e submissão. Quando Ena paga a alimentação de Andrea durante os encontros na faculdade, já que a mesma não possui dinheiro para tal, evita que os meninos arquem com os gastos das meninas, as duas moças rompem com um código social machista.

Isso nos revelará a postura de uma geração de mulheres emancipadas e independentes, o que se estende, também, à visão sobre os relacionamentos. As mulheres das gerações anteriores a de Andrea eram passivas em relação a escolha de um marido, portanto, esperavam ser elegidas pelo pretendente e casavam-se independente de suas vontades. Andrea, mais uma vez, rompe com um sistema machista e difere desse pensamento: “la mirada de Andrea a las relaciones amorosas se torna mucho más sobria e incluso recelosa” (ALCHAZIDU, 2017, p.

180), diante da possibilidade de ter um namorado, prefere escolhê-lo: “Nunca me había besado un hombre y tenía la seguridad de que el primero que lo hiciera sería escogido por mí entre todos” (LAFORET, 2017, p. 179). Já a visão de Angustias sobre relacionamentos é totalmente antiquada. Como a representação da mulher de uma geração submissa, Angustias tomará a decisão de ir para o convento pelo fato de não ter casado. Sua opinião em relação ao casamento será de que se trata de um dos caminhos que uma mulher decente deve seguir, contudo, caso não consiga, a única opção será retirar-se ao convento para manter sua honra diante da sociedade. Nas palavras de Izabela Mocek (2005, p. 23), “Angustias no es bastante fuerte para oponerse al sistema que la oprimió y, en vez de escaparse con su amante, se retira a un convento”.

Como vemos afirmando, há um comportamento rebelde que caracteriza Andrea. A jovem faz uso desse traço para conseguir o que quer: “Pues no me gusta fumar. En el pueblo lo hacía expresamente para molestar a Isabel, sin ningún otro motivo. Para escandalizarla, para que me dejara venir a Barcelona por imposible” (LAFORET, 2017, p. 93). Com essa passagem, percebemos que Andrea fumava com o propósito de afrontar sua prima, com a qual viveu por algum tempo até sua ida a Barcelona, sua intenção era rebelar-se e ser vista como um caso perdido para conseguir, dessa forma, a permissão para se mudar para a cidade grande. Com isso, podemos perceber que Andrea usa artimanhas para alcançar o que almeja. Outro posicionamento rebelde de Andrea é quando, propositalmente, não atende aos chamados de sua tia Angustias: “Rebelde, estuve largo rato sin acudir a su llamada” (LAFORET, 2017, p. 143). Posiciona-se contra a tia, pois, Andrea não se conforma com a autoridade daquela mulher, portanto, a desobedece e resiste aos seus chamados.

Ao observar os desejos de vida da jovem, notamos que o propósito de Andrea não será conquistar algo, de ganhar seu dinheiro proveniente de seu próprio esforço, ou até mesmo de investir em seus estudos para conquistar seu espaço. Como um reflexo de sua juventude, seu único desejo será de liberdade, de estar livre das cobranças das outras pessoas e de qualquer compromisso, que não precise cumprir as regras que lhe estabelecem, como nos revela sua fala:

Yo estaba demasiado maravillada, pues el único deseo de mi vida ha sido que me dejen en paz hacer mi capricho y en aquel momento parecía que

había llegado la hora de conseguirlo sin el menor trabajo por mi parte. (LAFORET, 2017, p. 150).

Na relação construída entre Angustias e Andrea, há um sentimento ambíguo de proteção e dominação, que Andrea rejeita por sentir-se controlada. Apesar de suas atitudes opressoras em relação à sobrinha, Angustias se sente responsável pela educação de Andrea e esforça-se para encarnar a figura maternal que pensa poder ser para ela. A tia, sendo uma mulher dominadora, tenta apropriar-se de Andrea e passa a se envolver em todas as relações que a jovem começa a ter com os moradores da casa. Angustias tenta zelar pela honra de Andrea, conduzindo-a a ter uma conduta que acredita ser o melhor caminho para uma mulher. Sempre alertando Andrea dos perigos que encontrará em Barcelona:

Te lo diré de otra forma: eres mi sobrina; por lo tanto, una niña de buena familia, modosa, cristiana e inocente. Si yo no me ocupara de ti para todo, tú en Barcelona encontrarías multitud de peligros. Por lo tanto, quiero decirte que no te dejaré dar un paso sin mi permiso. ¿Entiendes ahora? (LAFORET, 2017, p. 83).

Confirmando a hipótese da maternidade de Angústias, vemos que, embora muito dura e cruel em suas palavras, até mesmo pelo fato de sua criação que foi com base em um conservadorismo autoritário, a tia tenta conduzi-la pelo caminho que considera certo, colocando-se responsável pela jovem: “Todos estos días he pensado en ti... Hubo un tiempo (cuando llegaste) en que me pareció que mi obligación era hacerte de madre. Quedarme a tu lado, protegerte” (LAFORET, 2017, p. 145). O fato de querer proteger a sobrinha já nos mostra a ideia de uma postura materna, que zela por sua filha. O problema é que essa proteção é imposta, é opressora e autoritária. Além do mais, Angustias se vê na obrigação de colocar a jovem no caminho da submissão: “Es muy difícil la tarea que se me ha venido a las manos. La tarea de cuidar de ti, de moldearte en la obediencia... ¿Lo conseguiré? Creo que sí. De ti depende facilitármelo” (LAFORET, 2017, p. 82). Ao usar a expressão “facilitármelo” nos revela que Angustias não admite que Andrea conteste suas ordens, que deverá ser obediente.

Apesar dos fortes embates entre as personagens ao longo da trama, na partida de Angústias, Andrea reconhece suas intenções, parece relevar suas atitudes repulsivas e, em um momento, reflete sobre o comportamento da tia e percebe que se trata de um ser bom, comparado aos outros moradores da casa:

“Angustias, sin embargo, era un ser recto y bueno a su manera entre aquellos locos. Un ser más completo y vigoroso que los demás” (LAFORET, 2017, p. 143). Portanto, suas atitudes desprezíveis são reflexos da geração de mulheres mais velhas, que sofreram com a repressão e sentem-se na obrigação de controlar a tudo e a todos, como uma representação de um sistema opressor, se tornando seres incompreensíveis aos mais jovens, como afirma Andrea: “Es difícil entenderse con las gentes de otra generación, aun cuando no quieran imponernos su modo de ver las cosas” (LAFORET, 2017, p. 143).

Finalizando essa leitura, é importante destacar que o caráter libertário, contestador e rebelde de Andrea se dão em resposta às visões de mundo defendidas por Angustias. Assim, após a partida da tia, já sem uma figura antagônica, Andrea parece cair em uma apatia e em um profundo vazio e inércia. Portanto, dando continuidade ao nosso trabalho, no capítulo seguinte, amparamo-nos em uma perspectiva filosófica para analisarmos o vazio existencial presente em *Nada*.

3 O VAZIO EXISTENCIAL NO ROMANCE *NADA*

3.1 Andrea, uma personagem submergida em um “nada”

Após analisarmos vários aspectos presentes em *Nada*, como o momento histórico que compreende o período pós-guerra civil espanhola, assim como a corrente literária tremendista, que marcou uma geração de escritores como a própria Laforet, outros temas, como a mulher desse período e a representação feminina baseada nos perfis de Andrea e Angustias, ponto principal de nossa análise, foram assuntos que conduziram a construção desse trabalho até o presente momento. Contudo, nesse terceiro e último capítulo, por um viés filosófico, trataremos de analisar o “nada” que intitula a obra e a sua explicação através do conceito de vazio existencial.

Para finalizar nossa leitura, precisamos compreender o sentido do título *Nada*, o que essa palavra implica ou o que ela nos sugere. O sentido da palavra pode ser interpretado como a ausência de algo ou, de acordo com o *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano (2007, p. 812), “pode-se dizer, por exemplo, que o N. exprime a negação ou a ausência de uma possibilidade determinada ou de um grupo de possibilidades”.

É possível perceber que a protagonista Andrea narra esse “nada” e, em suas palavras, tenta sugerir que seus relatos demonstram uma insignificância, algo sem importância, faz uso de um suposto nada para nos revelar alguma coisa, ou como bem observa Rosa Navarro Durán (2017, p. 30), “la mayor fuerza del relato está en la construcción de esa aparente nada que conforma la vida cotidiana de Andrea tal como ella nos la cuenta”. Novamente nos apoiamos na filosofia e, assim, podemos interpretar o “nada” como uma sugestão de algo, de um problema ou dúvida. Tal observação é explicada no *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano:

Está claro o que estas especulações sobre o N. pretendem sugerir: o ser do homem, constituído por possibilidades que, como tais, podem não se realizar e que em todo caso excluem o ser completo ou total, e manifestando-se portanto de modo eminente na dúvida, no problema, na projeção etc., é o N. do tudo do ser. (ABBAGNANO, 2007, p. 811).

No que se refere ao título da obra, podemos dizer que está relacionado com a sensação de vazio que a narrativa transmite ao leitor. Seja nos relatos, tanto na vida

da protagonista como nos demais personagens. Da mesma forma, na obra, o vazio será a representação da dor, da miséria e da catástrofe no cotidiano da população de Barcelona, como uma herança do conflito civil. Para ressaltar ainda mais o título da obra, assim como a narrativa sugere, vemos a demonstração de que esse “nada” seja a revelação de algo, valendo apontar que no início do romance, temos como epígrafe um fragmento do poema "Nada", de Juan Ramón Jiménez:

A veces un gusto amargo
 Un olor malo, una rara
 Luz, un tono desacorde,
 Un contacto que desgana,
 Como realidades fijas
 Nuestros sentidos alcanzan
 Y nos parecen que son
 La verdad no sospechada... (RAMÓN JIMENEZ apud LAFORET, 2017, p. 69).

É possível que esses versos nos antecipem o sentido da obra, demonstrando a sensação de vazio e angústia. Podemos entender que “nada” seja todas as sensações expressas no poema de Juan Ramón Jiménez, que, no romance de Laforet, serão sentidas e relatadas por Andrea, através de seu olhar observador.

Como uma obra do período pós-guerra civil espanhola, podemos deduzir que o uso da palavra "nada" seja uma metáfora do vazio e da angústia da população espanhola após o confronto de 36, o nada das relações conflituosas, de Barcelona devastada pela guerra, o nada na vida de Andrea, representando o vazio existencial de uma geração, mas também um vazio causado pela falta de perspectiva dos sujeitos da época. Através de sua consciência e dos devaneios, Andrea vai revelando sua melancolia, sua falta de esperança em relação à vida:

Y a mí llegaban en oleadas, primero, ingenuos recuerdos, sueños, luchas, mi propio presente vacilante, y luego, agudas alegrías, tristezas, desesperación, una crispación importante de la vida y un anegarse en la nada. Mi propia muerte, el sentimiento de mi desesperación total hecha belleza, angustiosa armonía sin luz. (LAFORET, 2017, p. 95).

Na passagem acima citada, Andrea usa a expressão “un anegarse en la nada”, que nos leva a entender que a jovem se encontra imersa em uma sensação que ela denomina como um “nada”. Ao mesmo tempo que preenche sua vida, traz consigo a ideia do vazio, que pode ser de sua existência, de sua consciência, que a paralisa e a deixa sem rumo, em profunda apatia e tristeza. Esse sentido se expande

nas palavras de Rosa Navarro Durán e na sua maneira de definir o conceito:

Ese «anegarse en la nada» que intenta plasmar lo inefable de sus sensaciones se destaca como *el leitmotiv* de su relato y contrasta por su intensidad con su propia respuesta ante la pregunta de Román: «Qué te dice la música? [...] Nada, no sé, sólo me gusta». El *nada*, en el que insiste, es la vaciedad tópica: todo su contenido está en el interior de sí misma, en su palabra literaria, no en su conversación vital con los demás. (NAVARRO DURÁN, 2017, p. 32).

Na trama, podemos dizer que Andrea é um sujeito que contempla a vida, porém, não é um contemplar com esperança, e sim uma contemplação apática, sem perspectivas, sem planos e sem procurar soluções para seus problemas. Em um estudo intitulado *La era del vacío*, de Gilles Lipovetsky, ao tratar do contexto pós-guerra, analisa os impactos nas populações. No caso mencionado, refere-se àqueles contemporâneos à Segunda Guerra Mundial e à guerra do Vietnam, mas nos ajuda a compreender os impactos da Guerra Civil para as gerações posteriores. Dessa experiência, resultaria uma espécie de indiferença. Uma explicação para a indiferença de Andrea na forma de agir e ver as coisas pode ser o que Lipovetsky (2000, p. 34) desenvolve no capítulo “La indiferencia pura” que, para o autor, pode ser causada por “el desarraigo sistemático de las poblaciones rurales y luego urbanas”, “los genocidios y etnocidios, Hiroshima devastada”, “casas destruidas, los millones de toneladas de bombas lanzadas sobre Vietnam”. Para o autor, os conflitos e catástrofes, tal qual a Guerra Civil Espanhola, geram nas pessoas a indiferença, com isso, podemos fazer uma analogia e compreender a forma como se comporta a narradora protagonista de *Nada*, que chega a Barcelona após o histórico conflito e mergulha em uma indiferença, em um vazio, desapegada de sentimentos de empatia. Andrea vive em um mundo à parte, como se ela se bastasse sozinha, incapaz de demonstrar sentimentos e, do mesmo modo que Lipovetsky descreve “el hombre indiferente”, Andrea também não “se aferra a nada, no tiene certezas absolutas, nada le sorprende” (LIPOVETSKY, 2000, p. 44). Portanto, podemos considerar que a angústia que viveu em Barcelona, a sensação de mal-estar, desespero e fome fizeram com que Andrea vivesse um estado de estagnação, com pensamentos vazios: “La verdad es que yo no pensaba nada. Mi cerebro estaba demasiado embotado” (LAFORÉ, 2017, p. 291).

A narrativa é marcada pelas memórias de Andrea: “Me viene ahora el recuerdo de las noches en la calle de Aribau” (LAFORET, 2017, p. 236), portanto, com esses relatos das lembranças de suas sensações, será possível perceber o vazio dos momentos vividos pela jovem em Barcelona, ou seja, uma época marcada por um “nada” constante, melancólico e deprimente:

Me acuerdo de las primeras noches otoñales y de mis primeras inquietudes en la casa, avivadas con ellas. De las noches de invierno con sus húmedas melancolías: el crujido de una silla rompiendo el sueño y el escalofrío de los nervios al encontrar dos pequeños ojos luminosos —los ojos del gato— clavados en los míos. En aquellas heladas horas hubo algunos momentos en que la vida rompió delante de mis ojos todos sus pudores y apareció desnuda, gritando intimidades tristes, que para mí eran sólo espantosas. Intimidades que la mañana se encargaba de borrar, como si nunca hubieran existido... (LAFORET, 2017, p. 236).

O vazio na vida e Andrea ficará evidente na sua vida em sociedade. A jovem está sempre só, mesmo em meio à multidão, Andrea vive na solidão, no vazio de sua existência, apenas contempla a vida das pessoas, sem fazer parte delas. Exemplo disso, será o momento em que vai à festa de Pons, deslocada e sem amigos, observa: “Pasaba el tiempo demasiado despacio para mí. Una hora, dos, quizás, estuve sola. Yo observaba las evoluciones de aquellas gentes” (LAFORET, 2017, p. 243).

Todas as relações no romance *Nada* são marcadas pelo vazio, pela indiferença ou pela superficialidade. A relação de Andrea com a família é como se não existisse, não tem aproximação, a jovem observa a todos com apatia, sem interesse nos acontecimentos, assim como ela, seus parentes se relacionam com desapego. As amizades de Andrea são vazias, desinteressadas e a jovem, apesar da amizade que tem com Ena, vive sozinha, na solidão dos seus dias em Barcelona.

3.2 O vazio do entorno

Assim como o vazio existencial que atribuímos a Andrea, entre seus familiares há, ainda, evidências de um vazio afetivo nas relações superficiais e conflituosas, que demonstram o “nada”, o vazio das relações humanas. Independente da classe, é uma sociedade vazia de sentimentos, composta por indivíduos que perderam o significado de suas existências e ficaram abandonados à plena insignificância. Porém, esse “nada” em suas vidas pode ser a presença da

desesperança, da estagnação e do comportamento hostil com os demais, provavelmente consequência do caos em que vivem, tudo isso nos faz, uma vez mais, reforçar a vinculação desta obra à estética tremendista. Não demonstram afeto, não possuem autocontrole, são incapazes de manifestar sentimentos de bondade e respeito ao próximo, apenas divergem por motivos fúteis. Vivem em um “nada”, em uma desesperança, em uma constante inércia, frustrados e enraivecidos por motivos que nem eles mesmos conseguem explicar.

Durante a leitura do romance, através dos relatos de Andrea, conseguimos perceber o vazio existencial de personagens como Angustias, a mulher amargurada que estrutura a vida em cima de um “nada”: não tem filhos, não tem um relacionamento que a valorize como mulher, não tem perspectivas, nem tampouco pessoas a sua volta que lhe demonstrem afeto, convive apenas com a sua aflição, sua angústia, como seu nome parece sugerir. Angustias é uma mulher só, apegada apenas aos seus costumes conservadores, quase esvaziada de sentimentos bons, de afeto e de amor próprio. Sua existência é preenchida pelo rancor e amargura de um ser que vive preso aos costumes da sua geração. Outro vazio existencial, será percebido na personagem que representa a avó de Andrea, uma senhora que não terá significância alguma dentro da obra, tampouco será revelado seu nome, é apenas uma personagem enfraquecida pela idade, pelas dores de sua vida, porém, em algumas passagens percebemos que se trata de uma mulher em idade avançada, movida por uma fé inabalável: “Iluminada por una fe que no podía decaer, rezaba continuamente” (LAFORET, 2017, p. 291).

Outro personagem que não terá o nome revelado será o filho de Glória e Juan, contudo, sabemos que se trata de um belo menino: “El niño era guapo y sus piernecitas colgaban gordas y sucias” (LAFORET, 2017, p. 90). Outro aspecto que podemos salientar sobre o menino é a sua enfermidade: “parecía insensible, encarnado de fiebre” (LAFORET, 2017, p. 198). Além disso, em algumas passagens da obra, a criança chora desesperadamente: “El niño lloraba, babeando” (LAFORET, 2017, p. 86). A criança, que podemos interpretar como um símbolo de esperança, em *Nada* é possível que a figura do menino esteja metaforicamente relacionada com a esperança da população espanhola, porém, uma esperança debilitada, uma esperança que padece e que chora como se pedisse por socorro.

Observar a casa da rua Aribau é constatar outros aspectos do vazio. A casa, onde durante muitos anos residia uma família de classe média, aos poucos, vai ficando fisicamente vazia em decorrência da venda dos móveis: “En algunos rincones se notaba la falta de los muebles que Gloria había vendido al trapero. Por aquellos claros corrían, desaladas, las cucarachas” (LAFORET, 2017, p. 239), contudo, não será vazia somente pela falta de móveis e de condições básicas de sobrevivência humana, como o próprio alimento, será, da mesma forma, vazia nas relações entre os familiares, que estendem ao espaço físico o vazio existencial de suas vidas.

Ao falarmos em “nada”, podemos perceber o “tudo”, ou seja, todas as denúncias sociais e os problemas da existência humana que conduzem a um comportamento de indiferença e apatia, tal comportamento conseguimos observar no romance através dos aspectos que viemos ressaltando no decorrer da análise. Portanto, *Nada* pode ser considerado o vazio, porém não o vazio de algo inexistente, mas o vazio preenchido pela dor, angústia e miséria.

Apesar do pessimismo que envolve a vida de Andrea, no final do romance a jovem partirá para Madri com sua amiga Ena, levando consigo a expectativa e o vislumbre de uma nova vida: “me había abierto y de esta vez de una manera real, los horizontes de la salvación” (LAFORET, 2017, p. 302). Na partida de Barcelona reconhece não ter vivenciado o que esperava: “la vida en su plenitud, la alegría, el interés profundo, el amor” (LAFORET, 2017, p. 303), mas parece preencher o aparente vazio com alguma dose de esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esse estudo e considerando a genialidade de *Nada*, é relevante ressaltar que foi um trabalho intenso, de forte reflexão, pois a obra é profunda ao tentar retratar um vazio existencial das personagens, assim como um sentimento semelhante ao da população espanhola. Como *Nada* nos traz, de forma sutil, um momento de conflito vivido na Espanha na década de 40, não poderíamos deixar de falar que a construção desse trabalho de conclusão de curso se deu em um momento histórico com impacto mundial. Atualmente estamos vivendo em meio a uma pandemia, o mundo vive uma tragédia instaurada pela Covid 19. Confesso que foram dias difíceis para a construção desse trabalho nos quais procurei motivação para seguir as leituras e escrita, mesmo percebendo que o mundo estava parado, vivendo uma guerra silenciosa. O contexto de *Nada* parece que tomou conta de nossos dias, nas ruas vazias, pessoas abaladas, crise econômica e uma profunda sensação de vazio, de desesperança. É também movida por esse olhar que faço esse encerramento.

Após realizar diversas leituras com intuito de compreender a obra *Nada*, várias percepções surgiram, e com isso alguns estudos foram de suma importância para compreender os aspectos sociais e de comportamento humano no romance. Um dos pontos observados foi o contexto da Guerra Civil Espanhola, embasadas nessa observação, realizamos uma pesquisa sobre o período e compreendemos as consequências sofridas pela população, como o governo franquista que instaurou um regime ditatorial no país. Outro ponto observado na obra foi o comportamento feminino da época do pós-guerra, com isso, realizamos leituras complementares que nos proporcionaram algumas reflexões sobre a representação da mulher, mostramos as dificuldades enfrentadas e qual era o propósito do governo de Franco em relação à presença feminina dentro da sociedade, entendemos que foi um momento de forte repressão dos direitos femininos e exclusão da mulher em qualquer setor atuante da sociedade. O papel da mulher na ditadura militar era condicionado ao matrimônio e a criação dos filhos, sendo a igreja católica uma das maiores influências na conduta de um perfil feminino voltado ao conservadorismo.

Ao trabalhar com a obra de Carmen Laforet, realizamos um estudo sobre a estética literária tremendista que nos oportunizou um conhecimento sobre essa

corrente literária surgida por volta de 1940 na Espanha. Na leitura de Athena Alchazidu (2005, p. 17), vimos que “El surgimiento del Tremendismo coincide con una época muy agitada y turbulenta”, com isso, seu objetivo primordial consistiu em relatar os aspectos mais cruéis da vida de forma tremenda e realista. Essa estética retratava uma época específica da Espanha, na qual a sociedade estava devastada economicamente e emocionalmente. Para entendê-la foi necessária uma vasta procura por textos que nos revelassem suas características, com isso, percebemos que essa corrente literária é pouco mencionada em estudos literários e com o passar do tempo, o Tremendismo desapareceu.

No decorrer da análise, muitas ideias foram surgindo e, em alguns momentos, foi preciso rever os objetivos que já haviam sido estabelecidos, exemplo disso foi o nosso posicionamento em relação ao perfil feminino das personagens Andrea e Angustias, um dos focos de nosso estudo. As personagens divergentes em ideias e comportamentos, em um primeiro momento poderíamos concluir que se tratavam de dois modelos femininos opostos, uma feminista, em busca de seus ideais, e outra conservadora, opressora, por vezes perversa, mas que agia em conformidade com os valores do seu tempo. Contudo, foi preciso um olhar mais observador para que pudéssemos perceber as características psicológicas dessas mulheres, analisando seus comportamentos, atitudes e visões de mundo. Com relação à construção enquanto personagens, observamos o ponto de vista implicado nas ideias defendidas através de seus discursos. A partir de então, nossa pesquisa tomou outro rumo e foi possível perceber na personagem Andrea um perfil feminino que dispunha de algumas liberdades próprias de sua geração e que conseguia viver de forma independente e desapegada dos padrões sociais. Já em Angustias, notamos uma mulher amargurada, sem coragem suficiente para ir contra uma sociedade conservadora, que se anulou para seguir um modelo feminino padronizado pela igreja católica e pelo regime. As duas personagens divergiram, mas em alguns momentos se aproximaram, revelando-nos que não se tratavam de perfis extremamente opostos, mas que expressavam um choque de gerações.

Com as leituras necessárias para analisar essa obra, tivemos como resultado um misto de reflexões, entre elas, os desafios enfrentados pelas mulheres desde o final do século XIX, na busca de valorização e igualdade de direitos em vários setores da vida, especialmente no que toca às questões femininas. As obras da

época de Laforet, quase todas escritas por homens, traziam o feminino em narrativas contadas através de um olhar masculino. Quando uma mulher, como Carmen Laforet, expôs um olhar feminino sobre assuntos de ordem política, social e humana, houve motivo para estranheza do público e da crítica literária.

Nessa leitura, pude compreender que o romance analisado é uma narrativa sutil no sentido de denunciar quase sem falar, é um dizer sem dizer, que proporciona ao leitor a possibilidade de interpretação dessas denúncias de temas proibidos da época como a condição feminina, os traumas ocasionados pela guerra, as desavenças familiares, a falsa devoção católica e o autoritarismo de um governo.

O estudo de *Nada* permitiu refletir sobre o momento de insegurança que a mulher vive e, de certo modo, ressaltou a atualidade da obra. Não temos certeza se não haverá retrocesso no processo de construção do espaço feminino, mas permanece a vontade de que nenhuma mulher precise se anular, ir contra seu desejo para seguir uma imposição social.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALCHAZIDU, Athena. **Las raíces del tremendismo español**. Sbornik Praci Filozofické Fakulty. Bernénské Untverzity Studia Minora Facultatis Philosophica e Universitatis Brunensis, L 26, 2005. p. 25-31. Disponível em: <https://digilib.phil.muni.cz/bitstream/handle/11222.digilib/113233/1_EtudesRomanesDeBrno_35-2005-1_4.pdf> Acesso em: 20 mar. 2020.

_____. **Tremendismo**: el sabor amargo de la vida. Tras las huellas de la estética tremendista en la narrativa española del siglo XX - Brno: Filosofická Fakulta, Masarykova univerzita, 2016. ISBN 978-80-210-8345-5.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo de consciência**: questões de teoria literária. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

DE SOUZA, Ana Paula. **A sociedade metonimizada no espaço do romance *Nada de Carmen Laforet***, 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem), Instituto de Linguagens, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

GARCIA LOPEZ, José. **Historia de la Literatura Española**. Barcelona: Editorial Vicens-Vives, 1974.

GÓMEZ-FERRER MORANT, Guadalupe. **Historia de mujeres en España: siglo XIX y XX**. Madrid: Arco Libros, S.L, 2011.

GUTIÉRRES CARBAJO, Francisco. **Movimientos y Épocas Literarias**. Universidad nacional de educación a distancia. Madrid: Uned Ediciones, 2006.

HYPÓLITO, Bruno Kloss. O Labirinto do Fauno: o embate político-ideológico entre duas concepções de Espanha. *In*: ABRÃO, Janete (org.). **Espanha: política e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 67-78.

LAFORET, Carmen. **Nada**. Barcelona: Editora Planeta, S.A, 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **La era del vacío**: ensayos sobre el individualismo contemporáneo. Barcelona: Editorial Anagrama, 2000.

MAINER, José-Carlos. **Historia mínima de la literatura española**. Madrid: Turnes Publicaciones. SL,S.L.; México D.F. El colegio de Mexico, 2014.

MOCEK, Izabela. **Nada de Carmen Laforet**: el proceso de maduración de la protagonista femenina como un ejemplo de emancipación femenina. Teses de Magister - Máster en Educación en Igualdad de Género y Políticas de Igualdad. Universidad de Vigo. 2005.

MORADIELLOS GARCÍA, Enrique. **Historia mínima de la guerra civil española.** Madrid: Turnes Publicaciones. SL,S.L.; México D.F. El colegio de Mexico, 2016.

NAVARRO DURÁN, Rosa. Introducción. In: LAFORET, Carmen. **Nada.** Barcelona: Editora Planeta, S.A, 2017.

PALACIOS LIS, Irene. **Mujer, trabajo y educación.** Valencia: Universitat de València, Departamento de educación comparada e historia de la educación, 1992.

SANZ VILLANUEVA, Santos. **Historia de la literatura española 6/2- El siglo XX. Literatura Actual.** Editorial Ariel, S.A. Barcelona, 1984.

UNAMUNO. Miguel de. **La tía tula.** Madrid: Alianza Editorial, 2012.

VELEDA, Valentina Terescova. A Espanha sobre o regime franquista: do isolamento a aceitação internacional (1939-1953). In: ABRÃO, Janete (Org.). **Espanha: política e cultura.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 8-17.

WILLIS, Liz. **As mulheres na revolução civil espanhola.** Tradutor: Alexandre Penteado Villar Félix. Londres: Grupo Solidarity, 2017. Disponível em: <<https://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2018/02/As-Mulheres-na-Revolu%c3%a7%c3%a3o-Civil-Espanhola.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2020.